



## GT 031. Ensinar e Aprender Antropologia

Amurabi Pereira de Oliveira (Universidade Federal de Santa Catarina) - Coordenador/a, Ceres Karam Brum (UFSM) - Coordenador/a

É notório que nos últimos anos a Antropologia tem expandido sua presença junto às mais diversas formas universitárias e não universitárias, bem como, tem havido no Brasil um incremento na formação de antropólogos em nível de pós-graduação e de graduação, sem que com isso tenha havido um debate profundo em torno do seu ensino, bem como das particularidades do aprendizado de ser antropólogo, em termos da aquisição teórica-metodológica. O processo formativo em antropologia passa, necessariamente, pelas relações entre ensino e aprendizagem, de modo que a discussão em torno de sua aquisição mostra-se fundamental para a própria compreensão dos rumos da Antropologia como ciência na atual conjuntura. O presente Grupo de Trabalho visa discutir estas questões, com foco na formação de antropólogos e de "não antropólogos", discutindo as diversas inserções da ciência antropológica em vários espaços formativos. Buscamos realizar uma reflexão em torno do lugar do ensino/aprendizagem da antropologia, bem como dos desafios postos a sua realização, e das fundamentações epistemológicas e práticas que subjazem seu ensino, voltando para a formação de antropólogos (em nível de graduação e pós-graduação), cientistas sociais, profissionais da saúde, professores etc. Também buscamos compreender o ensino/aprendizagem da Antropologia na educação básica. Este GT se baseia numa ampla interface entre a antropologia e ensino, visando abarcar os mais diversos trabalhos produzidos neste cenário.

### **Briga de galos em Codó-Maranhão: experiências pedagógicas através de apropriações e sentidos conferidos a textos de antropologia com alunos do PROFEBPAR**

**Autoria:** Luiz Alberto Alves Couceiro

Entre julho de 2014 e janeiro de 2015, lecionei Sociologia da Educação, pelo PROFEBPAR de Ciências Sociais da UFMA, no município de Codó-Maranhão. Os alunos residiam noutras cidades deste estado, como Caxias, Peritoró e São Mateus do Norte, e eram todos professores, em atividade. No primeiro dia, me apresentei, dizendo que era professor de antropologia na UFMA, em São Luís. Disse que programara as aulas para que trechos dos textos selecionados fossem lidos pelos alunos, em voz alta, revezando-os. Entre um e outro, explicaria e contextualizaria em linhas gerais o que estava sendo dito, filtrando a linguagem das Ciências Sociais para abrir possibilidades de diálogo. Os alunos pediram que fizesse um "resumo de antropologia", pois não haviam entendido esta disciplina. Aquilo me pegou de surpresa, mas, meio que constrangido e curioso, resolvi aceitar o desafio. Comecei, de improviso, a explicar as "escolas", lendo, do meu computador, trechos de textos de autores clássicos, como Malinowski. Como estratégia pedagógica, abordei processos de construção de classificação social através de discussões entre natureza e cultura, costurando vários autores-exemplares de tipos de antropologia. Quando cheguei ao texto "Um jogo absorvente", de Geertz, os alunos ficaram indignados e, sem cerimônia, fazendo piadas, riram de suas interpretações da briga de galos. Pediram para eu ler com calma a descrição do evento narrado pelo autor. No dia seguinte, descobri que os alunos eram, em vários níveis, "entendidos" de briga de galos. Assim, interpretaram os trechos lidos de Boas, Malinowski, Radcliffe-Brown, Lévi-Strauss e Leach como parte de narrativas desse universo, questionando Geertz. Quis saber deles sobre participantes, dinheiro envolvido, rivalidades, fofocas, questões de honra, buscando perceber a importância disso nas suas vidas e nos cenários locais. Ao longo de toda a disciplina, essa foi a tônica, aparecendo nas interpretações coletivas dos textos da Sociologia da Educação, de Bourdieu e Passeron (2015), Willis (1977), Lahire (1992), Fonseca (1999), Perosa (1992), Rosistolato (1997), Oliveira (2014). Tendo como base as experiências dos alunos e suas leituras pragmáticas dos textos, investiguei quais os sentidos dos mesmos para eles e, principalmente, dos argumentos de Geertz?



Como @s alun@s leram as evidências etnográficas deste autor, segundo suas perspectivas? Qual foi o lugar de suas experiências nas dinâmicas de ensino-aprendizagem de antropologia? As respostas estão em construção, partindo da investigação das interpretações coletivas daqueles textos de antropologia, de como @os alun@s conferem sentido aos argumentos e pesquisas dos autores, seus mecanismos de apropriação, através de seus códigos de significação e de conduta moral.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

